



O Padre Mestre Ignacio Rolim

CARTA PREFACIO

Illmo. e Revmo. Snr. Padre Heliodoro Pires.

Proporcionando-me o goso da leitura do «Padre Mestre Ignacio Rolim» tivestes a má lembrança de inquerir do meu juizo a respeito desse trabalho a que destes tanto do vosso engenho e do vosso coração. Juiz não posso e nem devo ser por fallecerem-me os requisitos precisos, mas posso e devo dizer-vos que me approve apreciar mais uma vez as qualidades de investigador e os dotes de patriota, que já recommendavam ao meu apreço o autor de «Azeredo Coutinho».

De facto o vosso escripto ao demais do valor, que lhe dão as pesquisas em que se firma, é uma obra de patriotismo e ao mesmo tempo um panegyrico á Religião, que inspirou os bellos e importantes feitos que a vossa penna quiz guardar para a admiração dos contemporaneos e das futuras gerações, guardar para servir de elo primeiro da cadeia, por ora curta, mas que com certeza se fará dia a dia augmentada, hoje tenue filete de agua e amanhã torrente caudalosa, das chronicas e tradições dessa Cajazeiras, para quem vosso livro vae ser um como auto de baptismo.

Escrevestes dos primordios da formosa cidade parahybana, hoje séde de um bispado, fostes surpre-

hendel-a no berço, a apanhastes no flagrante de sua nascença graças ao testemunho dos coevos de sua fundação e ás informações dos mais antigos habitantes, e pois jamais alguém dirá do assumpto sem que recorra á fonte, que é o fructo do vosso esforço, a resultante das vossas indagações intelligentes.

Com o trabalho, que ides offerecer ao proximo Congresso de Historia, preparastes uma moldura apropriada a bem enquadrar a biographia do fundador, esse Padre Ignacio Rolim, typo de ascetá a dormir sobre malas de couro e a alimentar-se de fructos e lacticinios, varão sabio e santo, de existencia quasi secular, toda consagrada ao serviço de Deus e ao beneficio da instrucção; nada do que a tradição ainda conserva sobre vida tão cheia e tão abençoada escapou á vossa penna; e até porque seus avós se ligam aos primeiros exploradores ou representam como que algumas das ultimas estrophes do poema de audacias e herculeos empreendimentos dos bandeirantes, dos esforçados sertanistas, cujas façanhas constituem a pagina mais impressionante e rica de lances e aventuras da vida genuinamente brasileira no seculo 17, fostes evocar a lembrança do pernambucano Luiz Gomes de Albuquerque, vos propuzestes a traçar os caminhos percorridos e as luctas e os perigos enfrentados pelos Oliveira Ledo, por Domingos Jorge e a Casa da Torre.

A historia dos devassadores dos invios sertões brasileiros á cata de fama que lhes aureolasse o nome e principalmente á cata da riqueza, provinda do ouro, prata e pedras preciosas ou provinda da captura e venda do indio, vae sendo dia a dia melhor desvendada.

Em suas linhas geraes, tanto quanto é possivel affirmar diante dos roteiros e mais documentos existentes, documentos cujas lacunas busca as vezes supprir a imaginação dos historiadores, o que tem occasionado divergências e desaccordos entre elles, haja a vista o que acontece com o itinerario seguido pela

expedição Espinosa—Navarro e com o itinerario da expedição de Gabriel Soares, primo de Melchior Dias, de todo anniquilada nos sertões da Bahia, podemos considerar mais ou menos conhecidas as principaes entradas e bandeiras, predominando numas a organização particular, a responsabilidade individual, noutras o elemento official, a feição governativa, mas, umas e outras com extraordinaria influencia na expansão da nossa geographia, considerar conhecidos os seus chefes e responsaveis e tambem os seus resultados, maravilhosos uns, outros muito aquem das promessas e esperanças porque as bandeiras não lograram attingir a meta pretendida, fracassaram antes de tocar o alvo cubiçado, verificaram chimericos os thesouros que se lhes afiguravam deslumbrantes e incalculaveis ou tiveram de esconder esses thesouros, quando realmente achados, em mysterio insondavel, como aconteceu ás minas de Melchior Dias, por longos annos pretendente a mercês e queixoso das ingratidões da Corte de Madrid, minas erroneamente attribuidas ao seu sobrinho Roberio Dias.

Figuram com justo titulo na historia do Brasil os que emprehenderam a exploração e colonização das terras parahybanas, que, como dizeis acertadamente, se devem, pondo de lado o quinhão embora grande dos missionarios, aos Ledos, a Domingos Jorge, o fundador de Piancó, Domingos Affonso e Francisco Dias d'Avila. Verifico, porem, que concedeis ao ultimo citado a primazia sobre os homens do seu tempo. Não estou com vosco, penso que em proveito do descendente de Garcia d'Avila amesquinhaes o verdadeiro papel dos seus contemporaneos empenhados no descobrimento e na conquista do Nordeste Brasileiro.

Sei que o maior latifundio que existiu no paiz em mãos de um particular foi o da Casa da Torre, sei que seus dominios na Bahia e Pernambuco eram illimitados, que possuia dezenas e dezenas de leguas no rio S. Francisco, Piahy e Parahyba, vendo-se

isto, com relação a esta ultima, da história de suas sesmarias publicada por I. Joffily e Lyra Tavares, sei que teve concessão de terras até no meu Ceará, que, aliás, não aproveitou nem explorou, mas nada disso habilita-me a concluir, por exemplo, que *a grande figura da entrada que primeiro penetrou no Piauí foi Francisco d'Avila*. Daes a Domingos Affonso o Mafrense ou Sertão o titulo de *feitor, guarda, empregado* de Francisco Dias d'Avila, o reduzis á categoria de *um simples cabo de ordens* do poderoso bahiano, e pintaes Domingos Jorge ralado de *ciumes e resentimentos deante do prestigio, riqueza e brilho de Francisco d'Avila*. Não é tanto assim, e o livro que escrevestes e que dá occasião á carta, que ora com prazer vos escrevo, fornece-me parte das razões em que se estriba o meu julgamento, é mesmo no vosso livro que encontro argumentos para pensar differentemente. Não affirmaes, por exemplo, que em 1700 o governador de Pernambuco escrevia ao rei de Portugal: *a Casa da Torre e Domingos Affonso são senhores de quasi todo sertão de Pernambuco?* Com o erudito Basilio de Magalhães não dizeis, sem o minimo reparo, que José Martins P. de Alencastro attribue o descobrimento dos sertões piauhenses aos irmãos Domingos Affonso e Julião Affonso ajudados, vêde bem, *ajudados*, por dous outros irmãos Francisco Dias d'Avila e Bernardo P. Gago?

Considerae agora as conclusões a que se podem prestar estes trechos e vêde si é acceitavel o papel secundario, nimiamente apagado, que attribuis a Domingos Affonso.

Não descreveis as peripecias em que figurou Domingos Jorge até ver coroado de successo o sonho, que ha muito acaalentava e esse sonho não era a fundação de Piancó? Ao futuro vencedor dos Palmares deveu-se essa fundação, como a Oliveira Ledo deveu-se a do arraial de Piranhas, mais tarde villa

de Pombal em honra ao despotico e sanguinario ministro do fraco e libidinoso D. José 1.º, e entretanto nenhum nucleo de população recorda em Parahyba o vosso preferido! E pois ainda sob esse aspecto não posso explicar bem a primazia

Demais, e a consideração é de importancia, é aos serviços de Domingos Affonso que a fama recompensa dando-lhe o sobrenome de Sertão, como quem diz o desbravador, o conquistador por excellencia das terras incultas do hinterland. A Scipião se chamou O Africano, ao pae de Aggripina O Germanico, a Affonso I O Batalhador, a Affonso V O Africano e esses, como dezenas de outros appellidos, servem para commemorar os factos culminantes na existencia desses grandes personagens da historia; Domingos Jorge é o Sertão; porque a Francisco d'Avila, que qualificaes de *soberano*, não ficou ajuntado tal appellido si foi elle a *grande figura* da colonisação?

Na vida arriscadissima, cheia de lances tragicos, do bandeirante, do sertanista dominam a cupidez, a temeridade, o stoicismo, a sagacidade, o descaso da morte e essas qualidades caracterisaram Domingos Affonso e Domingos Jorge; Francisco d'Avila, de muito valor pessoal incontestavelmente, mais forte sobretudo pelas tradições da familia, pela enorme riqueza que ella accumulara e de que elle ora dispunha a seu talante, só por excepção se arriscava ás agruras do deserto, ás inclemencias do desconhecido, mesmo de sua Casa da Torre geria e desenvolvia os importantissimos negocios em que se immiscuia por todo sertão do paiz; vae nisto profunda differença; os dois Paulistas, homens de guerra, corriam os perigos a ella inherentes e enricavam com os despojos, que eram suas consequencias, encarávam de continuo a morte, em uma palavra, eram o producto do proprio esforço e da felicidade pessoal, mas o Bahiano era uma resultante dos feitos dos seus maiores; guerreiro, negociante e politico,

vivia nos commodos das cidades, lidava com governadores e altas personagens, tinha as varias classes da sociedade presas nas suas malhas de homem opulento, sagaz e sem escrúpulos. Na historia da conquista mais me merecem os que correram mil perigos e ás aventuras se entregaram que os possuidores de 250 leguas de testada na margem pernambucana do S. Francisco e 70 entre o S. Francisco e o Parnahyba adquiridas tão somente *a custa de papel e tinta*, consoante a justa asserção do emerito Capistrano de Abreu.

Esse Francisco Dias d'Avila, que é tambem o adversario com quem luctou vezes innumeras o Padre Martin de Nantes, cuja «Relação» mencionaes á pag. 6, é um dos diversos Francisco, que a familia possuiu; não será por certo o Francisco Dias d'Avila, chefe da entrada mandada organizar em 1628 por Diogo Luiz d'Oliveira e onde se achou Jaosten Glimmer, o auctor do Roteiro tão fallado, e figura já saliente na expedição organizada em 1601—1602 por D. Francisco de Souza, muito menos será o que Balthazar de Aragão nomeou em 1613 capitão da gente do districto do rio Jacuhype.

Como houve mais de um Francisco Dias d'Avila houve tambem diversos Garcia d'Avila; de três tenho eu noticia

Quanto a Parahyba, e este é o ponto que mais vos interessa, estavam nas Ribeiras de Plancó e Rio do Peixe as importantes situações da Casa da Torre, obtidas, todavia, sem as formalidades da lei e tanto assim é que, vendidas a diversos, tiveram os compradores de requerer mais tarde a necessaria rectificação official.

Escrevi que as pessoas que compraram essas terras aos Avilas, não só a Francisco Dias d'Avila portanto, tiveram de garantir-se contra os invasores ou novos pretendentes, porquanto compulsando as datas de sesmarias da Capitania verifiquei que 31, devendo o numero dellas ser muito maior pois na

guerra holandesa perderam-se livros de sesmarias, estão nestas condições, sendo a 1.^a, em data de 1739, a referente a Anna da Fonseca Gondim.

Ao requerimento da viuva do Cel. Manoel de Araujo Carvalho oppoz-se o Procurador da Coroa sob pretexto que as terras requeridas eram da Casa da Torre, mas a petição foi afinal deferida por opinar o Provedor que as terras pertenciam á classe das devolutas e que o Procurador da Coroa era ao mesmo tempo o procurador da Casa da Torre, *parte tão poderosa, como é notorio que tem ampliado a si a maior parte do sertão e com este pretexto se não tem povoado muitos sitios e catingas*

Essas ampliações da poderosa familia bahiana ficam patentes ainda em outras datas de sesmaria; por exemplo na sua petição (1760) Bartholomeu Pereira Dantas, morador no Riacho dos Poços, capitania do Ceará, diz que *si as terras que pretendia não eram suas menos serião da Casa da Torre por esta não ter titulo algum de sesmaria mais que uma intrusa posse nesta Ribeira do Rio do Peixe*; na do Conego Dr. Manuel Araujo de Carvalho se lê: *e não obstante pagar fôro a Casa da Torre que se achava indevidamente senhora de todas as terras que outros descobriram e povoaram e porque S. M. pela ordem de 20 de Outubro de 1753 annulou aquellas doações e dominios que tinha a Casa da Torre*. Ainda em 1788 havia compradores das ditas terras que procuravam legalisar suas posses; José Gomes de Sá foi um delles.

Tenho sido prolixo em demasia nas minhas considerações; é em mim um defeito alongar-me quando trago a attenção occupada com assumptos de historia, um dos meus grandes amores: entretanto não quero ultimar esta carta, que é ao mesmo tempo uma prova do meu culto á amizade com que me distinguis e do meu applauso ao vosso empenho em bem avaliar os homens e as cousas do passado e de entregar ao conhecimento do publico o que apurou o vosso estudo, sem manifestar-vos a grata impressão

que deixou-me o livro nos seus capitulos V e VI, os que se referem á mãe do Padre Rolim. A essa mulher de animo varonil, de alma spartana, toda operosidade e fé, o leitor fica querendo bem e admirando após a leitura do que della escrevestes. Os que discorrem acerca de qualquer personagem sob as inspirações da verdade e com emoção e sentimento possuem o condão de atirar ás gemonias ou alcandorar ás alturas o vulto historico tratado—Anna Francisca de Albuquerque, a Mãe Anninha, tem direito por todos os titulos ás homenagens do povo parahybano o provastes á saciedade.

Vou findar, mas antes de fazel-o desejava externar uma duvida, que o vosso espirito esclarecido por certo dissipará. Nasceu ella de um trecho do Capitulo VII. Tratando, com a proficiencia desejavel, da infancia, juventude e exemplar vida sacerdotal do Padre Rolim dizeis que *em 1816 elle foi para o Collegio do Padre José Martiniano de Alencar no Crato, donde voltou no anno seguinte por causa da revolução de 17.* Nesse anno de 1816, Alencar bem jovem ainda, porquanto nascera em 1794, frequentava, sei, o Seminario de Olinda e pois não, dirigia collegio algum naquella cidade do sertão cearense, que reviu só em 1817 como emissario, que foi, dos proceres da revolução cujo centenario celebraremos no anno vindouro. Assim sendo, não foi Rolim discipulo de Alencar no Crato em 1816-17, como igualmente disse Liberato Bittencourt no seu «Homens do Brasil» vol. II. Sei-o-ia acaso no Seminario de Olinda? Tambem não, porque, segundo vossa affirmativa, Rolim partiu para lá em 1822 e sabemos todos que já Alencar estava desde 24 de Dezembro de 1821 eleito 1.º suplente de deputado á Constituinte Portuguesa e em 1822 achava-se em Lisboa e tomava assento no Congresso a 10 de Maio como substituto de Gomes Parente.

Adeus. Continue, distincto amigo e confrade,
na vossa faina de cultor da historia patria e brinde-
nos em breve com uma nova produccão.

Fortaleza, Setembro de 1916.

BARÃO DE STUDART.

